

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



Suppção Illustrada de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTÁVIO SÉRGIO

OCTAVIO
S.E.R.G.I.O.



Seis meses depois



MARIA RITA, uma perfeição de criança, caminha para o infinito, pela mão do seu progenitor, curvado ao pêsso dum "caciano" remorso.

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DE OUTUBRO JOGO DO SAPO Resultado da 2.ª Partida

Ora cá temos nós a disposição do Sapo com a numeração respectiva a cada casa.

	500	
300		30
1.000		70



E que continuou a ser uma inspiração divina visto que dos 557 concorrentes, **nem um só acertou em cheio.**

Ficou, portanto, para a MARIA RITA o prémio de 500 escudos. (Vejam abaixo).

Com direito aos dois prémios de 100\$00 Escudos cada, temos nesta partida 81 concorrentes, cujos nomes ou pseudónimos daremos no próximo número, dizendo ao mesmo tempo a forma do sorteio, visto que não vale a pena a sub-divisão por todos.

Com direito aos 30 prémios de 10\$00, representados por livros de igual valor, temos apenas 25 concorrentes, o que quer dizer que foram todos premiados. Igualmente no nosso próximo número, daremos o nome de todos.

Na nossa administração, ficam à disposição de todos os concorrentes os elementos necessários para a fiscalização deste concurso, que, repetimos, é absolutamente honesto e de grande distração.

Como se nos tenham dirigido em carta, verberando o processo de ficar com o dinheiro quando ninguém totaliza os 2.000 pontos, declaramos francamente que achamos isto muito mais honesto do que inventar um nome para o receber fingidamente.

E garantimos mais: **Todos os prémios que deixem de ser distribuídos nas 4 primeiras partidas, sê-lo-ão pela certa na sua totalidade na 5.ª partida, quer facilitando-a, quer premiando os melhores atiradores.**

Quanto ao sorteio dos dois prémios de 100 Escudos cada, da 1.ª partida, só poderemos dar o plano no nosso próximo número, em virtude do enorme trabalho que dá para ser absolutamente honesto.

Todos os restantes concorrentes obtiveram uma totalidade de pontos inferior a 1.200, estando portanto desclassificados nesta segunda partida.



Em vista da fraca pontaria dos nossos atiradores, sempre em número crescente, resolve a MARIA RITA que nesta terceira partida, dado o caso de não haver ninguém que totalize, será o prémio de **500 Escudos** entregue àquele ou àqueles que obtenham mais de 1:900 pontos.

Vamos à terceira, meus senhores, que as bôcas do sapo e do saco estão absolutamente abertas.



VEJAM A ÚLTIMA PÁGINA

Lista dos concorrentes classificados na 1.ª partida

Com direito aos segundos prémios:

J. Neto, Neca Ribas, Maria Purificação Santos, J. Sequeira, A. Baía, Mariquinhas Augusta, Zéca Pilão, Manuel da Silva, Marques Pinto, Manel de Cima, Manel de Baixo, Gerturdinhas, Zéca Troxa, Antoninho, João da Silva Pinto, Maria Alice, Maria Helena, Maria Lucinda, Maria Luísa, Maria Regina, Manuel Monteiro, Mário Luís, Guicha, Arnaldo Lopes, Manuel Jacinto, Gracinda Queiroz, José Correia Vidinha, Mimosas de Jesus Leal, José Duarte Madeira, António da Fonseca Soares Júnior, José de Sousa Marques, Marcelino C, Antunes, Luís Roseiro, Zulmira Gonçalves, Jorge Carneiro Alegria, Maria Lucília, J. Ribeiro, Joaquim Jorge de Lima, Adolfo Castro, José Jacinto de Carvalho, Carlos Augusto Machado Braga, Dúlio de Oliveira, Arlindo de Araújo Regalo, Marienete Feio Cerveira da Costa, Branca da Graça Barbosa, Adalberto de Oliveira, Clemente de Freitas Meneses, Raquel Milhão, Rui Manuel Marques Teixeira, Aníbal Leite, Maria Carolina Leça Pereira, Maria Judite Silva.

Teófilo Teixeira Soares, José António, Fernando Loureiro Silva, Rita Silva, Manuel António Leça Pereira, Elvira Rocha, Joaquim da Silva, Artur José Marques Guimarães, Dolrano, Fernando Afonso R. da Silva, Alberto Ferreira João Rodrigues Beleza, Eduardo da Silva, Rozendo F. O. Ruivo, Capitolina Coelho Lomba, António Jacinto da Fonseca, Augusto António Flores, Laura Morais Sarmento, Camilo Maura Frederico Monteiro Lopes, Maria Deolinda de Araújo Abreu, A. Sarmento, Luciano da Rocha, Alfredo Amarante Monteiro, António Alves 3.º, António Alves 4.º, Lucília Ribeiro, António Gomes Ferreira (Sobrinho), Luis de Oliveira Martins, Manuel José de Almeida, Sérgio Guimarães dos Santos.

Delfim de Freitas, F. Leal Júnior, Joaquim Ferreira, O Cavaleiro, J. Gamalhães, José Almeida Loureiro, António Alvro, Manuel Portas Bertolo, Maria Rosa Plácido Santos, Joaquim Baptista Manuel Lopes Pereira (Sepol), Eduardo Pinto Alexandino Machado, Joaquim de Portugal Roldão Pereira Correia, Etrand Romas 1, Alfredo de Rezende Pereira, António Erepeda, Amadeu Duarte Ribeiro.

Com direito aos prémios de 10 Escudos (1 livro):

Camilo Alves, António C. Portugal Tavares, Porfirio Gonçalves dos Santos, Flávio Augusto Couto, Joaquim Monteiro, Francisco Portugal Amaral, Frank Barrote, Ernesto Lacerda, Elmano Simas 4.º, José Formozinho, Manuel Benvido de Jesus, Maria Neves Martins, Maria da Conceição Alves, Américo Martins, J. Varga Vêu Celestino, Rosa Lopes, Burromem Caci Vasco de Carvalho Abreu e Sousa, Josina Santo Albertina Pires da Silva, Rui Dar Vinho, Rui Manuel T. de Castro, Pimpinela Escarlata, Mária Lito, Albertino da Cunha e Silva, Zé Pereira

Os livros a escolher serão:

Os que não foram à guerra
Romance de um solteiro
Dois corações
Tribunal dos Pequenos Delitos



Factos & prestações

Crónica anacrónica

Não damos hoje aos nossos leitores a costumada secção de Marcial Jordão.

Avisara-nos na Sexta-feira passada que não contássemos com ela em virtude de ter de partir inopinadamente para Trás-os-Montes.

Lamentamos, como é natural, mas não vislumbramos no seu gesto, ou no seu olhar, qualquer indício de mágoa ou de saúde.

Estava sereno como sempre, a sua palavra era firme e o seu olhar normal e voluntarioso.

Quem nos diria portanto, que um dia passado, Sábado último, o próprio dia em que o combóio o rebocava para as penhascosas ravinas de Além Marão, uma tristíssima notícia nos havia de ser dada pelo *Primeiro de Janeiro*, acêrca de Marcial Jordão, e esclarecedora do fim da sua viagem.

Transcrevemo-la na íntegra.

Escola nocturna

Anexa ao Club Recreativo Moncorvense foi há dias criada uma escola para artistas que, em homenagem a um dos filhos mais ilustres da nossa terra, se denominará: «Escola Nocturna Campos Monteiro».

A criação desta escola tem por fim não só difundir a instrução, mas também de algum modo beneficiar as famílias dos alunos com uma caixa de auxílio médico.

A citada escola será inaugurada em princípio do próximo Outubro com a existência do seu patrono e nosso velho e querido amigo, dr. Campos Monteiro.

Pelo que atrás se lê está provado que os Moncorvenses professam uma religião primitiva, de ritos estranhos e fetichismos sangrentos, seguindo-os implacavelmente sempre que algum acto importante se realize.

Acham que é necessário, para abrandar a cólera divina, a imolação de um inocente.

E como se tratava de uma escola, vá de escolher um dos poucos que entre nós sabem ler e escrever a direito, para que pague com a sua *existência* o prazer espiritual dos futuros alfabetos.

E aí está como Marcial Jordão se enganou quando nos dizia que tinha de ir à terra tratar da sua vida, quando os conterrâneos o estavam esperando

na estação com a banda a tocar uma marcha fúnebre e o inspector primário a empunhar um valentíssimo facalhão.

Do que êle foi tratar, se não se acautelou, foi de largar a existência a trôco de um bê-à-bá com caracteres assassinos.

De ora avante o A E I O U moncorvense ficará escrito a letras de sangue! Por isso a escola é nocturna...

Lamentamos o sucedido e cumprimentamos generosamente o intemerato transmontano que de tão boa vontade se prestou a perder a existência em favor das letras pátrias, que sempre servira denodadamente.

Marcial Jordão JÚNIOR.

Graça... de graça

CADA TERRA COM SEU USO

Nesta breve historieta,
Se diz como, no Japão,
Um mimoso lisboeta
Sofreu duma indigestão:

O mancebo atraçou
A um restaurante de luxo,
Na lista, à toa, apontou,
Foi servido e, para o bucho,
O petisquinho emmalou...
Quis saber o que comera
Mas como? Não aprendera,
Patavina em Japonês!...
Por outro lado, o criado,
Também nada entendia
Do que o mimoso dizia
Em correcto português...
...O nosso homem, porém,
Mais esperto do que a mão
que o... criou,
Para o servo se voltou
E indicand' ao moço
O reverendíssimo osso,
Cujas carne tasquinhou,
Pergunta, assim, em voz clara:
E' mé-mé?

O rapaz, finório, esperto
Responde-lhe em tom aberto:
It is ão-ão!
D'onde conclui o primeiro,
Não ter comido carneiro,
Mas sim ter comido cão!...
E então, coitado
Como era delicado
Gramou uma indigestão...

AMARAL.

Má previsão



O médico — *Pois, minha senhora, seu marido tem 500 gramas de açúcar nas urinas.*

A mulher — *Deus queira que isso não seja, mas uma mistificaçãozinha... Ele tem levado a vida a fazer negócios com o açúcar... e ainda há de ir parar à cadeia.*

Balancete da semana

Outono abominável. Chuva a potes.
Cobertor's, edredons, mantas, capotes,
galochas ou tamancos...
Isto é terra p'ra pretos, não p'ra brancos!
Com tanta chuva e tanto frio, quem
ousa deitar a ponta do nariz
de fora, mal a noite desce? Tem
a gente de ficar em casa — e diz
a patroa, num gesto assinalado,
engatilhando o *Is master voice*:
— «Filho: A vizinha do terceiro, dói-se
«por ter o gramofone escangalhado...
«Podera! E' dos baratos!
«Comprou-o às prestações, como os sapatos!» —
Móe o aparelho um tango, — que sarilho!
Nesta altura, a vizinha do terceiro,
roxa de inveja, dá à luz um filho.
Lá fora, a chuva cai. Puro Janeiro.
Porque, tanta invernia?
E o caso parafuso...
Solta a patroa um grito de alegria,
com um disco na mão:
— «Agora é que ela morre! — E' o Caruso!»
.....
Lá em cima, a vizinha, com voz fraca
como o canto dum pisco,
diz à criada: — «Paca!
«Manda calar o cão!»
.....

Muito sofre um Caruso pôsto em disco!

*
* *

Soletro aquilo — e quedo-me, basbaque,
em frente do que ao ler parece asneira:
— Como pronunciar-se «Dirt Track»?
Será como se escreve? — Não me cheira...

*
* *

Abertura das aulas.
Rolando olhos ferozes,
quais tigres evadindo-se das jaulas,
surgem os Mestres, engrossando as vozes...
E os pobres estudantes,
— jovens barbados que se atalassaram,
e, d'olhos revirados, comungaram,
a-fim-de que por gente fina os tomem
e pareçam galantes, —
se não beijam a mão do Professor,
é porque o dito tem feitio de homem,
— e êles tem mêdo de morrer d'amor!...

*
* *

«Era no Outono, quando a imagem tua
à luz da lua...» — Nesse tempo havia
a lâmpada lunar, que fornecia
aos Vates luz de graça... Hoje, a lua
anda longe... Era bom, mas acabou-se...
...Municipalizou-se!

Sempre a Rússia E' pedra ou pau?

Dizem os periódicos queo camarada
Staline se tornou impopular e que o
plano quinquênal fracassou por ter sido
pensado um pouco *aèriamente!*

Pelo visto trata-se dum *aero... plano*
que é forçado a aterrar na própria Rús-
sia, depois de ter aterrado o mundo
inteiro, com a bandeira vermelha, a
foice e o martelo.

Outros periódicos, em desharmonia
com aqueles, desmentem a impopulari-
dade de Staline, e afirmam que o rubro
ditador continua a ser o ídolo dos russos
da Rússia e doutro russos que, sem serem
da Rússia, são também ruços nas várias
capilaridades do corpo.

E vá lá a gente entendê-los!

Mário Duarte Desporte e patriotismo

O nosso cônsul em La Guardia, o
desportista patriótico Mário Duarte, não
perde ocasião de ser agradável aos seus
patricios e de fazer propaganda despor-
tista e turista, simultaneamente, tornando
conhecidos os nossos ases da bola e do
pedal e fazendo a apologia das belezas
da nossa encantadora terrinha.

E' um camaradão, êste atlético Má-
rio Duarte!

Só pedimos ao nosso cônsul em La
Guardia, que a saúde que tem *guarde-a*,
para poder continuar a bem servir o país.

E já é tempo do govêrno português
o nomear Embaixador de La Guardia...
republicana portuguesa, em La Guardia
republicana espanhola.

O eminente cozinheiro! Leis e refugados

O nosso *Janeiro* publicava há dias
uma correspondência da Mealhada, em
que se dizia ter havido um banquete
*fornecido pelo proprietário do Grande
Hotel da Curia, sr. Afonso Costa, um
dos melhores cozinheiros e pasteleiros
do país...*

E a gente a julgar que êle estava em
Paris ou em Baiona! E, afinal, está aqui,
tão pertinho, na Curia, a limpar as çaço-
rolas, a fazer refugados e a depenar
patos! Que êle cozinhava bem as leis já
nós sabíamos; agora que sua Ex.^a se dedi-
cava também à pastelaria é que foi novi-
dade para tôda a gente. Estamos daqui a
vê-lo a arranjar tocinho do céu e a pre-
parar pastéis Jesuítas, batendo no peito
arrepêndido, por os ter expulso sem
açúcar e com a massa mal cozida. Ao que
chegou o eminente estadista! E diz o cor-
respondente que sua Ex.^a é um bom
cozinheiro!

Foi, foi...

A "Maria Rita" diz a última palavra

Entrevistando os "ases"

Agora que entramos no rescaldo do delírio do pedal, — e que os ecos longínquos da prova da Ovomaltine e do Citroën, mal chegam aos ouvidos castos e pudibundos da população delirante Nicolausista e Trindadista, — agora, vamos nós, vai a nossa MARIA RITA, sempre leal e justiceira, dizer da sua justiça, através a palavra inflamada e rotativa dos nossos portentosos "ases".

Abaixo as mãos, que vão falar os pés!

Fala o campeão Nicolau

"Sou sincero. Franco e leal como eu, só havia outro que se partiu na alfândega. O Trindade venceu porque é reacionário. Ele e mais dois directores do Rio de Janeiro é que formavam a Santíssima Trindade. Ora já vê..."

E tanto isto é assim que, até ao Pôrto, ainda a coisa vinha tremida. Foi na etapa Pôrto-Vigo que êle marcou maior avanço. E porquê? Ora, porquê?!

Porque a partida foi dada na Avenida dos Aliados, junto ao "Espírito Santo!" E tóda a gente sabe que o Trindade e o Espírito Santo formam três pessoas distintas e um só ciclista verdadeiro. E' assim mesmo, como eu digo, e o resto são intrigas dos jesuítas. Abaixo a reacção!

Para o ano é que eu os quero ver!"

O que diz o "ás" Trindade

"Eu não sou de intrigas. Falo, pão, pão, queijo, queijo! Mais sincero e leal do que eu, não encontram nem com um pedal aceso. Eu ganhei e ganhei muito bem, muito obrigado.

Das igrejas do Pôrto, só entraram duas: S. Nicolau e Trindade. Se a Sé ou Cedofeita tivessem concorrido, eu não me importava de perder, mas deixar ganhar S. Nicolau, isso nunca!

E ganhei porquê? Porque quando enverguei a camisola amarela, comprei um frasco de cola-tudo e besuntei a camisola com êle. Ai, meus meninos, foi remédio santo! Nunca mais descolei

das trazeiras do Nicolau. Ele bem se coçava, bem se sacudia, mas isso, sim! E' o descolas!

Calculem que êle até chegou a comprar pomada mercurial!

Ganhei, é certo, mas sustos não me faltaram, e quando via o Nicolau avançar e afastar-se, até o amarelo da camisola passava para os fundilhos das cuecas!"

Tem a palavra o nosso Fernandes da Silva

"Eles são todos muito sinceros e muito leais, lá isso são. Eu que o diga! Todos camaradas fixes, sempre prontos a encravarem os outros.

Eu nunca podia ganhar, porque sou cá de cima, do norte, destas terrinhas onde se fala muito mal o português, onde se diz mesa em vez de "menza" e água em vez de "auga", enfim, dêste Douro e Minho que chama mouco a um surdo, quando êles lá para baixo ao surdo chamam-lhe outra coisa...

De maneira que tinha de perder forçosamente, embora todos me ajudassem... para ver se eu desistia.

Venceu o Trindade e eu só lamento que fôsse um homem do "Rio de Janeiro" o vencedor!

Então o Getúlio não paga juros, não deixa vir o nosso dinheiro para cá e, ainda, como sinal de agradecimento, nós fazemos vencedor um homem do "Rio de Janeiro?!"

Podemos limpar as mãos à parede! Sabem porque chamaram à corrida a prova da volta a Portugal? Por nós sermos obrigados tódas as manhãs a provarmos a Ovomaltine!

E enquanto nos não obrigaram a comer pneus da Citroën, andamos com sorte!

Outro caso que é preciso desmentir é essa coisa de eu ter atirado a bomba ao Nicolau e continuar a correr. E' falso! Eu não sou homem de bombas e era incapaz de atirar uma bomba a um colega.

Se lhe pudesse dar um tiro, estava certo, agora lá com bombas não me venham ver nem me comprometam.

ANUNCIOS

da MARIA RITA

BANCO DE PINHO, feito de pau, vende-se em bom estado de conservação. Tem quatro pernas torneadas à enxó e o fundo em pau rosa, de côr mais que indecisa. Serve para uso de pessoa que sofra de hemorróida.

DÁ-SE de trespasse, um par de galhetas, sendo uma de petróleo e a outra de azeite. Ambas em perfeito estado e dadas com a mão direita.

PERFIS DO PORTO

Por um desaranjo imprevisto, somos forçados a não publicar hoje esta secção, do que pedimos desculpa aos nossos queridos leitores.

Acêrca da "Resposta Pronta"

MARIA RITA itudida tu foste pelo Bisnau: De anedota conhecida fêz um plágio, êsse marau.

Lisboa conhece bem certo encontro picaresco da Angela e do Tabordinha em que êle, jocosos e fresco, soube vencer o desdém da grande actriz, escarninha...

Encontrando-o no Chiado, pequenino, empertigado na calça de firmes vincos, ela lhe disse, jovial: — Com outro homúnculo: igual eu faria um par de brincos...

Taborda, em resposta pronta, a fim de esmagar a afronta e não ficar malhadoço, tornou-lhe, em ar de gavroche; — Não tenho sósia e, por isso, seu plano fica frustrado... Mas, o caso está sanado — — aproveite-me p'ra broche...

O conhecido **IGNOTUS**.

A grossura



— Olha, filho, eu a-pesar-de ter deixado de beber, continuo sempre grosso.

A VIDA E A MORTE

XXVI

O ÊXITO



— Una noche, de un salto mortal, se me rompió la cabeza... Pues fué un gran suceso, porque se creyó el público que la sangre venía de un aparato.

A moda das Semanas

Reina a moda das Semanas
De tôdas as qualidades:
Teem-se inventado semanas
De tôdas as variedades!

Houve a Semana dos Vinhos,
E mais outras, que sei eu?!
Houve a Semana das águas
— Esta por conta do céu...

Houve a Semana da Ameixa
Talvez haja a da castanha
Que é prazer p'ra quem a dá
E terror p'ra quem a apanha...

Houve a Semana das Praias.
Para breve se reserva
Talvez Semana dos Campos
Com lautos banquetes de erva.

Semana dos escritores
Três dias há-de durar:
Não se agüenta nem mais um
Quem vive quási só de ar!

A semana dos poetas
Vestidos de mariposas
Com Portos-de-Honra de orvalho
Servidos dentro de rosas!

A Semana dos coxinhos
Em que a classe se reúna
E ser-lhes-á permitido
Correr atrás da fortuna.

Mais a Semana da Raça
Em que o Leonardo, com fé,
Dirá, com verbo de raça,
A raça de que isto é...

A Semana do Trabalho,
Passe de largo e geitinho,
Pois todo o bom português
A dá de graça ao vizinho!

Semana do Naturismo
(Ao Amílcar luz-lhe o olho!)
Capaz de encher de ternura
O coração de um repolho!

Da Semana da Carris
Lindo projecto se faz:
Com caranguejos à frente
Puxando os carros p'ra trás.

Mais a Semana das Sogras
Que nada tem de mistério:
Começando em qualquer parte
Só tem fim no cemitério...

Houve a Semana da Uva,
Com tanto e tal desatino
Que após si há-de arrastar
A Semana do intestino...

FILÓSOFO.

O que a gente perde por não saber andar

Pelas entidades competentes, foi-nos fornecida a seguinte lista de objectos perdidos:

— Uma bota do pé direito, amarela, com a gáspea rôta.

— Um guarda-chuva, sêco, com as varas a furar o pano.

— Um carro de bois, só com uma roda e sem o moço da soga.

— Mais adiante, uma roda do mesmo carro com o moço a dormir encostado a ela, num prodígio de funâmbulo.

— Um relógio-pulseira *mignon* ainda com sinais de vida.

— Uma chave de trinco com a respectiva argola e cadeado de segurança.

— Um cãozinho *Lulu*, falando muito bem a sua língua.

Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-

Vamos hoje distribuir esta secção pelos diversos jornais da especialidade. Começamos pela

"Montanha"

que parece ter vindo buscar êste retalho de prosa à nossa MARIA RITA. E' do seu número de 5 de Outubro.

Qual é o teu pior inimigo?

Por causa de 16 melões que não valem mais de 30 escudos, encontra-se presa Florencia Silva, vendideira do mercado 24 de Julho.

O peor inimigo é sempre o oficial do mesmo offico, e Antonio Nunes dos Santos que no mesmo mercado tem por vizinha a Florencia, dando pela falta daquele número de melões, queixou-se à policia arguindo-a do furto.

A Florencia, que está presa por tamanho delitto, nega a pé juntos dizendo que nunca roubou nada mas o Nunes alega que os melões dêle eram mais redondos e que se conhecem bem no meio dos da Florencia.

E esta questão dos melões, que à primeira vista parece de *lana caprina*, pode vir a ter conseqüências muitissimo funestas. Sim, porque o homem sem os melões não é ninguém; e a Florencia, que já tinha os dela, não precisava de meter no meio dêles os do António.

Desta forma pode haver uma complicação de sementes. E os dêle, que com certeza eram de *casca de carvalho*, sofreram um abaixamento de qualidade ao misturarem-se com os dela, que devem ser galegos e capados.

Por isso mesmo aconselhamos a Florencia a largar os melões ao homem, que desta forma voltará a tê-los no sítio.

Do conspícuo

"Diário de Notícias"

No seu número também de 5 de Outubro:

Luar

QUERO mostrar-te a p... Espero hoje Teatro 6 horas.

Confessamos que não percebemos muito bem; mas parece-nos que anda ali escondido algum general brasileiro. No entanto, se pensarmos bem, a decifração aparece rapidamente. O que êle lhe queria mostrar às 6 horas, no Teatro, era a peça com certeza. Nem podia ser outra coisa.

Do mesmo jornal e no número de 7 de Outubro:

Cabras

DESAPARECERAM duas, entre Caravelos e Parede, junto à linha férrea, no dia 1 do corrente. Dão-se alvças a quem as entregar a José Louro, Rana, Caravelos.

Quanto a nós parece-nos bem que as cabras depois de irem à Parede, se aproveitassem da linha férrea para dar uma passeata.

Sempre são femininas, com mil rails!...

Agora um anúncio do

"Povo de Penafiel"

de 25 de Setembro p. p.

Quereis conservar a vossa saúde?

Consumi pão do padaria Bijou, e terei-la assegurada.

E não há de a MARIA RITA levantar monumentos por êsse país fora! Este *tere-la* vê-se bem que é de padeiro, e o *Ecos de Cacia*, é o órgão dêles.

Outro anúncio da mesma terra mas em outro jornal:

"Comércio de Penafiel"

PENSÃO CENTRAL

DE ARTUR DE OLIVEIRA

Avenida Pedro Guedes — Penafiel

O proprietário desta acreditada pensão, fundado ha 15 anos, e que sempre tem servido honestamente sem explorar o público, participa aos seus estimados fregueses, que serve à mesa redonda refeições por menos dois escudos da tabela da casa Chauffeurs e empregados públicos, 5 por cento de abatimento.

Tem também entrada pela travessa da Misericórdia (portão de ferro), onde os srs. hospedes que necessitem pernottar, poderão utilizar-se, pois mais facilmente se ouve bater à porta.

Há que distinguir:

Primeiro — Ficamos sem saber qual era a tabela da casa; se a de dois escudos mais, se a de dois escudos menos.

Segundo — Este senhor Artur de Oliveira, além de não saber português mistura tudo. Desta forma confunde os *chauffeurs* com empregados públicos e vice-versa; e

Terceiro — Custa-nos a crer que haja alguém que indo de propósito para dormir tenha gosto em ouvir bater à porta. Ainda se a porta fôsse um tampo de viola! Mas é um portão de ferro. Salvo se a travessa da Misericórdia o é mesmo de facto.

Agora um bocadinho do verde de Amarante. E' da

"Flor do Tâmega"

Bustelo, 14 — Aqui, em Bustelo, nota-se, vê-se e apalpa-se o progresso na casa de Deus, que, também, é a porta do céu. De há dois anos a esta parte, quem visitou e agora visita esta igreja, encontrá-la-á completamente transformada, ostentando um todo único, que está, no sentido categórico da palavra, um bijou.

Vejam V. Ex.^a o que aquela gente de Bustelo vai fazer para a casa de Deus: apalpar o progresso!!... 'E' claro que dizemos isto no sentido categórico da palavra.

Como V. Ex.^{as} acabam de notar, há muitos *Ecos de Cacia* por êsse país fora. Propositadamente hoje, não transcrevemos nada dêsse admirável semanário, porque fomos ameaçados duma invasão *caciana*, para vingar nas rotundas carnes da MARIA RITA, as afrontas à corneta lá da terra. Cá esperamos a pé firme êsses intrépidos e denodados paladinos de Cacia, naquela atitude que tornou memorável um grande poeta português:

Luis de Camões.

Numa mão a espada e noutra a pena.



NAS

Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO, todos os artigos teem um cunho parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

TODA a gente no orbe sabe que a MARIA RITA, essa matronaça gorda, mas boa rapariga, prefaz hoje seis meses. Na vida dum ente que tenha a scisma de chupar nos dedos e em outras coisas parecidas, seis meses é a idade em que os dentes necessitam dum troço de couve para coçar as futuras cavidades. Mas na vida dum jornal humorístico como a MARIA RITA, seis meses representam pelo menos vinte-e-seis números e alguns dentes podres. A MARIA RITA já nasceu velha e de pêlo na venta. Bem sabemos que se tem alimentado a Leite, mas a ama verdadeira, aquela que lhe tem apresentado semanalmente os ubérrimos seios, é a Invicta cidade. Uma ou outra vez, pegaram nela ao colo as visitas da casa, como é de uso. E é por isso que o seu olhar se estendeu até ao ridículo internacional; às esmoedoras fantochadas dos vizinhos; e esgratou deslises e faltas de gramática por esse país fora.

Enfim, a MARIA RITA viveu nestes seis meses, para o tempo, pouco mais que um fósforo, e para o ridículo muito mais do que a sociedade das Nações.

Damos em seguida uma rápida resenha do que foram os nossos primeiros vinte-e-cinco números.

Conferências e entrevistas

A MARIA RITA entrevistou sobre diversos assuntos, as seguintes personalidades:

- 55 escritores.
- 27 médicos.
- 12 advogados.
- 15 comerciantes.
- 6 banqueiros.
- 18 livreiros.
- 3 condutores de povos.
- 1 padre, e
- 1 galego.

Mandou dois emissários ao estrangeiro por diversas vezes e gastou rios de dinheiro em telegramas com a guerra do Brasil e as revoluções no Peru.

Caricaturou a módica quantia de 361 homens, 3 portadores de títulos brasileiros, 2 mulheres e 1 burro.

Assistiu a diversas conferências, a saber: a conferência do desarmamento naval, onde foi de... balde, a conferência do sr. Dr. Fernando Pires de Lima (vulgo Serôto) que o Notícias Ilustrado do dia 1 de Outubro comenta como se sabe, e uma conferência médica feita a um nosso parente que esteve muito malzinho.

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre em aumento

Resumo do 1.º semestre da MARIA RITA

Entrevistas — Conferências — Opiniões dadas e indefinidas — Cartas e telegramas

BALANÇO TRÁGICO

No sport

Foi a 512 desafios de foot-ball e viu agredir outros tantos árbitros indefesos.

E meteu o seu nariz em toda a parte onde lhe cheirasse a Dirt-track ou outra qualquer manifestação tripeira.

O que disse a Imprensa da MARIA RITA

Como será obvio acrescentar, quasi nenhum jornais sérios ligam importância aos semanários humorísticos, e muito menos se eles forem nacionais. No entanto, para a MARIA RITA foram duma gentileza cativante. Vejamos:

A grande revista francesa, «Lu», que tem uma expansão enorme, estampou desenhos do nosso caricaturista.

Gutierrez, espanhol, a mesma coisa. El Suplemento, magazine extraordinariamente lido na Argentina, idem na mesma data...

O nosso O Primeiro de Janeiro, semanalmente anuncia a saída da MARIA RITA com palavras imerecidas e amigas.

A Montanha faz a mesma coisa, com a diferença para melhor, de se meter connosco focando aspectos humorísticos que interessam aos seus e aos nossos leitores.

O Comércio do Porto, não diz nada porque parece mal.

O Jornal de Notícias também é mudo de nascença, graças a Deus.

O Comércio de Gaia, de cima da sua cadeira caciãna, dá-nos para baixo, e nós considera-mo-lo a bater para Ribas.

O Ecos de Cacia manda-nos os seus cumprimentos semanalmente e um beijo agradecido.

Felizmente todos eles são nossos colaboradores e não levam nada por isso.

A nossa cornucópia

Desde o seu início tem a MARIA RITA distribuido dinheiro e prémios à valentona. Notas de banco aos montões, aparelhos de T. S. F., gramofonas, assinaturas grátis.

De tal maneira que a MARIA RITA em vez dum jornal humorístico, chega a parecer um verdadeiro Angola e Metrópole.

E em troca disto o que é que tem recebido?

Apenas um escudo por cada número!

* * *

Como o leitor verá pela adjunta gravura, várias foram as expressões de MARIA RITA.

Riu, sorriu, observou, gargalhou, foi irónica, raras vezes ficou séria e só uma se arreliou a ponto de pôr os óculos para a testa.

Portuguesa de nação, interessou-se também por questões internacionais, focando aspectos europeus.

De mangas arregaçadas, o narizito arrebitado, beliscou, piscou o olho, mas não foi pornográfica nem ofendeu ninguém.

Pelo menos julga não ter ofendido...

Se há por aí quem se julgue ofendido que o diga já.

Trocamos em miúdos todas as explicações...

Só nos pesa na consciência ter sido brandos e benévolos com uma sociedade em franca decomposição, que está a pedir poucas, mas... isto vai devagar e há de finalmente atingir a sua verdadeira finalidade crítica.

Há muito burro a imortalizar pela homenagem pública.

Nas artes e letras, no Comércio, na Agricultura, na Indústria...

Ai, filhos, então na Indústria... não vos digo nada senão por música.

Os poetas da MARIA RITA

Resta-nos esta consolação máxima, que já transmitimos T. S. Efemente aos nossos avós de além túmulo: MARIA RITA já descobriu nos escaninhos portugueses mais de duzentos poetas, alguns de pé quebrado e muitos de pé inteiro. Prova-o exuberantemente a nossa secção de Rua das Musas, e todos os cantinhos livres do jornal.

Para Cunha da Raza o florido mestre, que desde o primeiro número nos acompanhou sorridente, um abraço da neófitia.

O segundo semestre

Para o segundo semestre, em passos decididos, marcha MARIA RITA segura de seu caminhar.

Não pôde o nosso astrólogo apurar rigorosamente o que será o segundo semestre do nosso semanário. E mesmo que o tivesse feito, nós não diríamos palavra... O negócio é a alma do jor-

nalismo moderno... Perdão, há aqui ligeiro engano: o negócio é a alma do segrêdo. É tanto, que por causa de um negócio que era canja, foi Alves dos Reis parar ao segrêdo.

O segundo semestre será pelo menos de seis meses — eis numa palavra, que por sinal são uma porção delas, o nosso programa mínimo, aliás sujeito a alterações por qualquer motivo imprevisito, menos o de acabar o mundo. Sim, meus ricos senhores (os pobres que desculpem) porque se o mundo acabasse é que era fazer números em cheio, de bom e autêntico humorismo. Com certeza que esgotaríamos todos os números...

O que nós diríamos e desenháramos no dia do Juízo Final, a cocar reus, testemunhas, Juiz, acusação e defeza! Seria de estourar... Piramidal é que era.

Opiniões de intelectuais

MARIA RITA é o pensamento insexuado, másculamente desabrochando na ironia transcendental dos cosméticos ímpares.

Leonardo Coimbra.

Arre que é burro. Vão brincar com o raio que os parta.

Homem Cristo.

MARIA RITA é a Costa do Sol da graça nortenha. Nos meus cinco meses de Ministro, etc., etc.

Marques Guedes.

Triste, solitário, emmismado como todo o Artista da penumbra, desfolho MARIA RITA pétala a pétala, e, não podendo rir, sorrio suavemente.

Visconde de Vila-Moura.

O' rapazes, é o que vale ao meu pobre figado... Aqui, em Famacão e em toda a parte.

Júlio Brandão.

Gaffe, gaffe, gafffffffe. O resto, óptimo.

Júlio Ribeiro.

O que escusavam era de pôr-me aquele nariz... Bem basta o que eu tenho...

Aníbal de Moraes.

Nem porisso me achei muito parecido... Os meus netos, esses conheceram-me logo... São crianças, coitadinhos.

Bento Carqueja.

Quando leio a MARIA RITA até me esqueço de meter o cachimbo no ouvido.

Dr. Teixeira Rêgo.

Quem pode ter opinião é a minha cunhada...

João Grave.

Ora, não diga isso; quem sabe é o cunhado.

Aurora Jardim Aranha.

MARIA RITA!!! Mas bastava a fina ironia do meu querido Amigo Marcial Jordão para, etc., etc.

Júlio Dantas.

MARIA RITA é o Toledo da Graça portuguesa a brilhar aurifulva no céu chumbeo da tristeza universal.

Antero de Figueiredo.

Sim, tudo isso é muito bonito... Mas o Sol, onde é que está o Sol da Vida?

Aires Torres.

Espera... Não tenhas pressa, menino. Tá tudo de acôrdo.

Bernardino Machado.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta :: forma, terá graça de graça ::





Domingo, tantos... de tal

E fôram mesmo, meus senhores. Fôram tantos e tais que o desafio

Pôrto-Barreireense

deu-nos a impressão da nossa antiga barraca de Pim-Pam-Pum. Em antes houve um resumo de foot-ball entre as

Reservas do Pôrto e o Cruz de Cristo dos Carvalhos

Também foi o descimento do «Cruz». Ganharam as Reservas, o que não admira, porque tinham o jôgo reservado desde a época passada, à espera do primeiro que aparecesse.

A-pesar-de do team de além Douro ter demonstrado um jôgo dos Carvalhos, não se livrou de papar 5 na cabeça.

De novo nas Reservas só o Nova. Mal os cristãos tinham acabado de engulir o último goal, deu-se início ao

Pôrto-Barreireense

A entrada no campo fêz-se debaixo dum céu plúmbeo e duma chuva de palmas. Primeiro os visitantes, alví-ros de contentes por não saberem o que os esperava. Depois os da casa, que, como sempre, não chegaram à tabela. E' costume velho, que só se desculpa, sabendo, como nós sabemos, que é o Sousa das pernas grandes que leva muito tempo a apertar as botas porque os braços não chegam até lá.

Depois chegou o árbitro, disfarçado em zebra dos joelhos para baixo, e muito bem postinho dos joelhos para cima. Os sapatos e os calções eram à Patulea, e arbitrava tudo chegado à assistência.

Acácio não alinhou. Vimo-lo nas bancadas com as lágrimas nos olhos, e o pai a rir por um ôlho e triste pelo outro. Só se ri por ambos quando jogam os dois filhos. Vimos depois que o Acácio fêz falta.

O jôgo

Pimba! Pinga! Riu-riu! Tumba! Pinga! Zaz! Riu-riu. Bola ao centro. Riu-riu-Tumba-Pinga! Zaz-catrapaz-Pumba-Pumba. Bola ao centro.

Beu-beu (era o côsito coitado, que, corria tanto como o ponta direita. Devia ser um cão de pastor porque andou sempre atrás do Carneirito.

Segundo tempo

Riu-riu-Pumba-Pinga-Zaz. Bola ao centro.

E assim sucessivamente até prefazer a linda conta de Oito à Zero a favor do Pôrto!

O' céus! O' terra! O' Nunes! Foste tu que fechaste com chave de ouro!...

Impressões

Os Barreirenses, não trouxeram nenhuma barreira. O próprio Câmara — coitado — que defendeu centenas de bolas, deixou entrar oito sem pagarem o respectivo impôsto camarário. Ficou com as mãos em tal estado e tão doridas, que eram, no final do desafio, umas mãos de câmara... ardentes.

A meio da segunda parte foi notado pela assistência que os do Barreiro, tinham em campo doze homens.

Mas aquilo não foi nada! Foi um suplente que não resistiu à tentação, e também queria um goal para êle.

Mas se dêsse lado estavam doze, em compensação do outro estavam onze homens e um cão que tinha emburrado pela certa com as meias do senhor árbitro.

Resultados práticos da jornada

Um passeio à capital do foot-ball português.

Uma demonstração de jôgo acertada, se bem que um pouco destrambelhada ainda.

Um tiroiteio feroz, pelo jogador metrelhadora, que é uma Pinga de estalo.

Uma tarde passada a meter goals nos outros, se bem que o Sciska tivesse vontade que se enfiassem alguns nas suas redes. Valeu-lhe a igreja dos Jerónimos e a catedral da Ave-lino.

PASSEIO MARÍTIMO

Também no Domingo se realizou um passeio a Viana por mar, promovido pelo Sport Club do Pôrto.

Consta-nos, acêrca desta gloriosa viagem, que houve milhares de peripécias e que a odisseia da Nau Catrineta, à beira desta, fica apagadíssima. E se não

deitaram sola de mólho, foi porque os sapatos dos navegantes eram de crepe-ceilão. O que é certo é que andaram sem comer um dia finteirinho, e que tinham sempre coisas no estômago para mimosear os peixinhos.

Zé das BOTAS.

CARTAS COM RESPOSTA

II

A uma cinéfila

Minha Senhora:

Conforme desejo de V. Ex.^a junto envio seis fotografias da minha modesta pessoa. A primeira foi tirada o ano passado, no Aljube de Los Angeles, quando ali estive a veranejar com Al Capone; a segunda — em pijama — tiraram-m'a sem eu saber, depois de ter empenhado três fatos, dois pares de sapatos e um chapéu de côco que pertencera a uma tia afastada; a terceira, foi no «studio» da «Frox-trotte Filme Corporation of América do Centro», quando filmei as «Almas Depenadas», desempenhando o papel de engraxador da Baronesa — a minha coroa de glória, a-pesar-de não ganhar uma coroa para a graxa —; a quarta, foi tirada no meu quarto, e como andava a jogar às escondidas com o fotógrafo, fiquei acororado atrás do biombo; a quinta e a sexta foram feitas num sábado. Aquela onde estou com um palito na boca, foi tirada depois do jantar de anos da Laura la Plante.

Aquilo é que foi comer!
Mande sempre, e creia na simpatia sem bacilos do — Ramon da Esquina.

Resposta de uma cinéfila

Ex.^{mo} Senhor:

Recebi as suas amáveis fotografias e nelas admirei a figura d'Ursus de V. Ex.^a

Cada dia mais cresce em mim o desejo de ir para a Cinelândia, e o médico já me aconselhou a fazer essa viagem, o que faria muito bem ao meu temperamento bilioso e frenético.

Com as fotos de V. Ex.^a, fico com a coleção quasi completa dos artistas de cinema, faltando-me só um retrato do falecido Retim-tim, aquele célebre cão que foi uma espécie de Chevalier das cadelas.

Dizem que eu tenho muito jeito para filmar; aqui até me chamam «A fotogénica desempregada», mas como soffro de varizes, tenho um certo acanhamento...

Com isto e mais aquilo, receba um saúdoso apêrto de mão da que muito grata lhe fica — Cinéfila Sonora.

José ROSADO.

Notícia sensacional

Brevemente a MARIA RITA iniciará uma nova página subordinada ao título de

A melhor que eu sei

e nela colaborarão todos os leitores que o desejem, desde que enviem uma anedota engraçada.

No próximo número daremos mais explicações sobre este certame que, além de distrativo, vai ser também remunerador.

FOLHAS DE ALFACE



CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Outra temos.

Ao que dizem, é moda, ou vai ser moda, deixar crescer a barba. A moda é uma senhora imperiosa e activa; quando não tem mais que fazer, vai-nos ao pélo.

Que eu, se queres que te diga, não me importo. Assim como assim, de feio já não passo.

Sómente, tenho muito pena dos barbeiros. Esses é que, se pega a moda, vão ficar a pão e laranja.

Como vantagem, reconheço na moda nova, a de tornar mais definida a personalidade de cada qual.

Os Pereiras, manifestamente, usarão pêra.

Os Carvalhos, logicamente, produzirão — «môscas»; é sabido que este simpático animal se cria nos bogalhos, e que estes, como as bolotas e as maçãs do cuco, são apanágio dos carvalhos. O uso da «môscas» será também extensivo aos sócios da Sociedade Protectora dos Animais; para ver se, andando com a «môscas», aliviam os equídeos.

Obvio se me afigura que os leiteiros passarão a usar suíças, — para nos convencerem de que as vacas também o são.

E não creio discutível que os contrabandistas, dentro da mesma lógica, possam esquivar-se ao regresso da barba à passa-piolho, nem que os cozinheiros se livrem da barba à Guise.

Talvez os cavalheiros taumáquicos, capazes de fazer caracolar, nas cortezias, fogosos corceis, — consigam ter barba encaracolada. De um modo geral, porém, a barba do contribuinte será escorrida. Não é preciso ser o Rabestana para o profetizar!

Também, desta tribuna, e desde já, aviso os conservadores. Até aqui, ainda a coisa vai menos mal; lá diz o ditado, «queixo rapado é incombustível». (Se não há um ditado que diga isto, devia haver). De aqui por diante, cautela. É bom prevenir-se a gente com um recipiente de louça, ou de esmalte, redondo e com uma asa, enchê-lo de água bacteriológicamente puríssima, — e não o largar de mão. A coisa não está só fosfórica para a indústria das conservas; está-o também para os conservadores, em Espanha. É ali mesmo ao virar da esquina: é aqui no andar de baixo. De maneira que, alerta camaradas! Ao menor sintoma, agora que elas vão crescer, zás: — barbas de mólho. É tolice esperar a gente o momento de, tendo a água pela barba, ter esta de mólho pela força das circunstâncias.

É tolice, — porque, nessas alturas, o mólho, é outro.

Brevemente veremos no mapa uma nova Pátria. O Atlas, desde que dêle fizeram uma marca de calçado (hei de pedir um desconto, pelo reclamezinho...) — passou a ser um mostruário de botas internacionais. A península balcânica, — assim chamada por ter sido povoada por gentes muito mercantis, que passavam a vida ao balcão — é o que se vê.

Avança Montenegro, recua Montenegro, sobe Sérvia, desce Sérvia, incha Romania, mirra Bulgária, — já nem uma pessoa sabe quantos países lá existem. Por mim, juro que não sei ao certo onde fica a Yugo-Slavia, nem qual é a capital da Tcheco-Slovachia. Com razão dizia o José Paulo da Câmara: — Não te cheques, não te cheques, que cheiras a Slóvaquinho... A Península Balcânica, ou bulcânica, chegava bem para desconsoar a gente da geografia!

Pois agora, (se calhar, é sina das penínsulas...) é a Península Ibérica que vai dar que fazer ao atlas, — (devido às botas do Sr. Azaña e quejandos).

Foi aprovado com distinção o chamado Estatuto Catalão, que ninguém sabe ao certo o

que é, mas que, traduzido em miúdos, significa a independência da Catalunha.

Verão. Está aqui, está nos compêndios dos nossos pobres filhos.

Eu não sei falar catalão, nem penso aprender, porque estou velho para aprender línguas.

Sei apenas que *munjêtas cun butifarras* é um prato nacional. Parece-me que *munjêtas* são mãozinhas de porco, e que *butifarras* são... feijões encarnados.

O catalão é trabalhador, enérgico, progressivo. É de crer que, senhor da sua pátria, a eleve e dignifique.

Se eu fosse catalão, era natural que cantasse, com infância:

Minha terra tem 'statutos
que o pobre Azaña lhe dá,
minha terra tem poleiros
onde canta o Máciá...

Assim, peço-te que por mim escrevas efusivos parabens para Barcelona. E que vás mandando um cartãozinho de pêsames a Madrid, — que com certeza antes queria um marmelo cru do que... *butifarras*...

Fazer-me o favor de inserir (de boria) êste anúnciozinho?

Estados Unidos da Europa

Aos accionistas e obrigacionistas desta Sociedade Anónima, comunica-se por esta forma o passamento da consócia e gerente, D. Esperança da Unificação Briand de Genebra e Nickles, cujo funeral se realizou em Barcelona e foi de primeira classe, — a cargo da Agência Máciá.

Com isto de andar sempre a adiantar e a atrazar a hora, nem o clima sabe o que há de fazer.

Durante todo o verão, foi uma sêca medonha, a chuva perdeu o combóio' e o vinhateiro viu-se grego. Justamente na altura das vindimas, a chuva deliberou mimosear-nos com a sua presença; aquilo, se calhar, veio no combóio seguinte. Como estas pessoas que a gente convida para almoçar, — e que chegam à hora do chá, mortas de fome, quando o leitão arrefeceu, o arroz perdeu a sustância, e os donos da casa se supunham livres das visitas.

Inventa-se de tudo, desde o botão de ceroula até à grafonola. E não haverá um génio disponível que invente um «regulador climatérico»? Não haverá ao menos um diplomata capaz de negociar com as nuvens um «modus chuvendi»?... Haver, havia, com certeza. Se até os houve que negociaram o tratado de Versalhes...

Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

ADEGA REGIONAL DO LAVRADOR

DE

Manuel Moreira Rato

Rua das Fontainhas, 53 e 55

PORTO

Vinhos de consumo, vinhos verdes, vinhos do Pôrto, Azeites, Vinagres, :: :: :: Aguardentes, etc. :: :: ::

Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:

Antes que tudo, Saibas que estamos tão civilizados Que importamos artistas consagrados, Por grosso, — não se quer nada miúdo...

Depois do Alves Reis, outro Alves soa Que a meter a sua Cunha se abalança Onde os outros metiam uma lança, — A's vezes sem saírem de Lisboa.

O actor da «Labareda» e mais da «Garra», Vendo que a Arte está sofrendo perda E que a Lisboa já foi?... Labareda, Co'o fel no coração soltou a amarra.

Vem a preto, vem dar da arte de Talma Peças d'ouro e levar de preto o mesmo; Por cá há pretos de alma branca a esmo, E na Arte também há... *apretos* de alma,

O' Lisboa! A continuar em via igual A' da Arte com A grande para somemos, Escreverás em breve «Portugal» Com um... pê dos pequenos.

Vai ao sonoro, vai, pega-lhe à unha, — E enquanto Angola, a tua escura filha, Não pode ouvir a nova maravilha, Dá-lhe o Alves da Cunha.

Vai burguezinha, vai ser testemunha Da alegria cafreal de negro jazz... — Para Angola uma tanga, fina gaze, Mai-lo Alves da Cunha.

Adeus, MARIA RITA. Se apar'cer P'r'ai a Arte com A grande, avisa: Arranja um caixotito (não precisa Ser muito grande, deves compreender), Mete-A dentro com palha e com carinho, Põe-lhe o distico: «frágil, é cristal!», E a nossa direcção — Via postal. Desde já agradece o

Migue-LINHO.

Pensamentos sérios

FEITOS A RIR

A mulher e o gato assemelham-se pela aspereza das suas garras. A mulher arranha-nos a paciência e a bôlsa. O gato arranha-nos as carnes com o maior dos cinismos.

A fábula do Velho, o menino e o burro, é o exemplo insofismável da má lingua de quem nada tem que fazer. A calúnia e a insídia são as pragas mais infames que separam os homens.

Os povos, depois de 1918, entraram francamente numa nova vida, que tem três características que a definem e classificam: a pouca vergonha, a indelicadeza e o egoísmo.

Há exemplos de grande virtude que só um reduzido número segue. Os maus actos e as poucas vergonhas seguem-se irreflectidamente e com prazer feroz.

ALICK.



GLOSAS:

Verde-rubro, cor de gaio
Falador dos cotovéis,
E que na venta tem pelos
Tenho em casa um papagaio.
Como a avó do meu castrão
É um grande mafarrico.
Em Cacia era jerico
Por ser esperto demais,
É por não ser como os laís
Que, em vez do pé, dá o bico...

Lizé.

Fugitivo — como um raio! —
Aos tiros do sór Getulio.
Mui caipora, sem peculio.
Tenho em casa um papagaio.
Amarelo, verde-gaio:
— Dos paulistas um fanico!
Porem este mafarrico
Parece que vem raivoso:
Não sei que tem, o manhoso,
Que, em vez do pé, dá o bico...

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

Contratei pra cá um raio
Que mui trabalho me deu;
É isto foi porque eu
Tenho em casa um papagaio.
Ofreceram-m'o em Maio,
E por vir num mês tão rico,
Eu dei-lhe o nome de «Chico».
Vejo-me agora enrascado
Pra ensinar aquela atado,
Que, em vez do pé, dá o bico...

(Acetiro).

Zé Maria.

Eu vir aqui dizer, não caio,
A quanto montá minha escrita...
(Como o fez a MARIA RITA:
Tenho em casa um papagaio.)
Dizer que vou cozinhar um paio,
Com massa, arroz ou grão de bico!
Nessa é que eu me não fico!
Era logo tu a assaltada
De uma enorme cambada
Que, em vez do pé, dá o bico...

(Moncorco).

Perjuro.

Ando levado d'um raio
E o caso não é pra menos,
Pois sabem, leitores amenos,
Tenho em casa um papagaio
Que só canta quando eu saio!
Porem, quando em casa fico,
Só diz isto, o mafarrico:
— Se o patrão está pra fora
Brinca um loiro co'a senhora,
Que, em vez do pé, dá o bico...

(Acetiro).

Zé Ménes.

Tenho uma péga e um gaio,
Tenho um gaio e um pintaroxo,
Tenho um tralhão, tenho um mocho,
Tenho em casa um papagaio,
Tenho mulher, tenho o raio.
Também tenho um maçarico,
Um canário, um ticotico,
Tenho uma sogra ladina
Ave negra, de rapina,
Que, em vez do pé, dá o bico...

(Acetiro)

Olegna.

Atrevido, como um gaio,
Bem falante, tagarela,
Pendurado na janela,
Tenho em casa um papagaio.
Até muitas vezes caio,
Com aquele mafarrico,
E confesso danado fico,
D'acudir ao chamadoiro,
D'aquele maldito loiro,
Que, em vez do pé, dá o bico.

Rei Louro.

Concorrentes votados ao Quadro negro:

Amaral, Elmano Otrebla.

Concorrentes com dois votos de louvor:

Luigi Morelli, Sepol, Ardotos, João da Sé, Horrível,
Olegna, Lizé, Saramago.

Concorrentes com um voto de louvor:

J. A. Costa, Amaral, Amarantino.

Uma sogra?!... quasi que caio!
Uma onça, uma pantera
Nova espécie de fera...
Tenho em casa um papagaio.
So em pensar nele caio,
Nervoso com ele eu fico
Dá-me cabo do meu quico,
Contente nunca me logra
Mas prefiro a aquela sogra
Que, em vez do pé, dá o bico.

Kika, 2.º

Eu minh'alma é sempre Maio
Garrido, esplendido, em flor;
Tenho no peito um amor,
Tenho em casa um papagaio.
Na senda do amor ensaio
Os passos, de ilusões rico;
Se em seus espinhos me pico
Suporto, estático, o deslouro...
Volto-me então para o louro...
Que, em vez do pé, dá o bico...

J. A.

Em ir á ópra não caio
Que a ópra não me consola,
Pois além da grufonola
Tenho em casa um papagaio.
Se ás vezes, á noite, saio
E ao pé do louro não fico,
Põe-se bravo, o mafarrico,
E a ninguém quer dar o pé,
Mas não explica porque é
Que, em vez do pé, dá o bico...

John Athas.

Dois pégas e um gaio,
A quem dou leal abrigo,
Além do meu papa-figo
Tenho em casa um papagaio.
Olha o melro de sosiaio,
Quando ás pégas me dedico,
E é tal seu genio, qu'eu fico
Cismando neste judeu:
E tanto o ciuime seu
Que, em vez do pé, dá o bico.

Zéfiro.

Tal qual a rosa de Maio
Que um coração abraça,
Não tenho uma sogra em casa,
Tenho em casa um papagaio
Pois palra tal qual um gaio
E silva de maçarico
Dá pulos de mafarrico
Ao sentir um pontapé,
E fica tao meiga até,
Que, em vez do pé, dá o bico.

Zéfirinho.

Noutra, meninos, não caio;
— Diz o Luis Abel de Melo —
Por causa da Céu Metelo,
Tenho em casa um papagaio.
Com a psitacose... e um raio!...
Que martirio!... Mafarrico!...
Sem regar o manjerico,
Passo os dias muito mal
Com o papagaio real
Que, em vez do pé, dá o bico.

(Seia).

Agá Larbac.

Tenho em casa um gaio,
Um pardal, uma pardula,
Um gaio mais uma gala.
Tenho em casa um papagaio.
Também tive um piraucão,
Um melro e um ticotico,
Esquecido de tudo eu fico
Com a Rosa das Isquinhas,
Quando fazemos casinhas,
Que, em vez do pé, dá o bico...

Kika.

Chegou-me no mês de Maio
Vindo da banda di lá;
Das terras do Sabiá;
Tenho em casa um papagaio.
De ao pé dêle mal saio
Por ter um pairar tão rico
Um perfeto mafarrico
Que me põe arreliado
Pois pra mim é um danado
Que, em vez do pé, dá o bico.

Vensodias.

Para ver se me distraio
Nesta grande pasmaçeira,
Arranjei uma maneira:
Tenho em casa um papagaio.
E á noite, quando não saio,
Quando á braseira me fico,
Ao pássaro me dedico.
Mas, val flndar a chalaça
Porque o bicho é de tal raça
Que, em vez do pé, dá o bico.

Ardotos.

Visitou-me o Samaraio
Quando chegou da Baia,
Eu então desde esse dia
Tenho em casa um papagaio,
Todos os dias o ensaio,
A todos já chama: o Chico!
Eu muito contente fico
Quando alguém lhe faz festinha
Porque tem muito gracinha;
Que, em vez do pé, dá o bico.

Octávia Maria.

Eu de casa nunca saio
Por ter boa companhia...
Pra manter minha alegria,
Tenho em casa um papagaio!...
Assim é que então me ensaio
A brincar com loiro rico,
Dou-lhe o dedo ao mafarrico,
Pra ele me dar o pé!...
— É um papagaio sem fé,
Que, em vez do pé, dá o bico!

Alfredo Cunha (Raza)

Tenho sermão quando saio...
Tenho falta de dinheiro...
Tenho um cão no meu fosqueiro...
Tenho em casa um papagaio.
Por isso já não me ensaio
Para atrair com um penico
A cara do mafarrico
Que cá venha receber...
E o louro saberá dizer
Que, em vez do pé, dá o bico...

(Gaia).

Sepoel.

Eu caséi. E como um raio
A desventura me alcança!
Adeus paz, adeus bonança!
Tenho em casa um papagaio.
(Usa solas) e eu desmaio
Quando vejo o mafarrico,
Surdo estou, desleito fico...
E que a minha esposa amada
Tem uma mão tão danada
Que, em vez do pé, dá o bico!...

Elmano Otrebla.

Vai cair-me em casa um raio
Se o despertador me sai!...
Dum deputado sou pai!
Tenho em casa um papagaio.
Rádio, sogra, gata e gaio!...
...Com tal bulha, eu cá não fico...
Vou para Cacia... Abdico!...
Estudarei 'stiliticidido,
Levando o psitacido,
Que, em vez do pé, dá o bico...

Amaral.

Eu sou o Piroso da Costa Paio
Das belas noites d'outrora,
E pra me entreter, agora,
Tenho em casa um papagaio:
Fala mal como um laçao,
E, quando o pé lhe suplico,
Não se faz nada esquisito...
Não é como esse canário
Da prima Mari' Rosário
Que, em vez do pé, dá o bico...

João da Sé.

Quando ás vezes eu não saio,
Fico a sós co'a minha prima...
O mais mau é que lá em cima,
Tenho em casa um papagaio.
Que me deu o sór Sampaio,
Ba prenda não abdicó,
O certo é que o mafarrico,
Dá que a prima põe a touca...
E que é uma grande louca...
Que, em vez do pé, dá o bico!...

Sacripanta.

Que os partam em grandes raios,
Quisto é ave do diaio...
Com grandes penas no rabo,
Tenho em casa um papagaio;
Que sempre que chega a Maio,
Se transforma em demónico!...
Até pula qual jerico!...
Da-lhe a sopeira com um sóco,
Desnancando o bicharoco,
Que, em vez do pé, dá o bico!...

Corisco.

De cantar o verde gaio
Sempre gostei a vaier...
Pra falar e me entreter,
Tenho em casa um papagaio...
Que lhe digo quando saio:
Até logo meu iourito;
Da cá o pé!... Como es bonito!...
Gosto assim muito de ti...
Não és como o da Lili,
Que, em vez do pé, dá o bico!...

Orquidea.

Tendo aumentado extraordinariamente o número de glosadores concorrentes, vê-mo-nos forçados a dividir em duas semanas cada mote.

Desta forma só na segunda semana de cada mote será elevada a glosa do quadro negro.

Assim evitaremos precipitações de classificação e os concorrentes poderão até repetir. Mas não todos, se não voltaremos á mesma.

Quem é?

E' em Lisboa ou no Pôrto?
E' no Pôrto ou nos Açôres?
P'ra se sentar, quer um banco
na Avenida, e dos melhores...

Depósitos e descontos,
cheques, letras... — Faz cismar
não ter nenhum fruto à venda,
a-pesar-de ser Pomar...

C. B.

Anexim

Andava triste, a Leonor.
Tão triste, que não havia
lá naquela freguesia
outra tristeza maior...

Dia e noite, a pobre canta,
E a quem lhe estranha o fervor
do cantar, diz a Leonor:
— ".....!" — (?)

(Espinho).

NEMO II.

Adivinha

Tira o queixo ao céu — e vai re-
conhecer o resto ao tabelião...

BANABÓIA.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
— Dr. Campos Monteiro (Filho); *Anexim* —
«Quem meu filho beija, minha boca adoça».
Matadores: Reirobi, Sepol, Satiér ed Mi-
fled, Lizé, Zé Barão, Octávia Maria, João da
Sé, Degumarães, Kika, Monteiro II, Vensodias.

Novo colaborador

MARIA RITA apresenta hoje aos
seus leitores mais um colaborador que,
por ser de longe, nem por isso quis
deixar de nos manifestar a sua simpa-
tia. Por isso, publicando as duas glosas
que vão a seguir, daqui abraçamos
Dr. Pretito, que fica a ser mais um dos
nossos.

Pus-me um dia a andar em cata
De um automóvel em conta;
E, já, co'a cabeça tonta,
Arranjei um auto-lata,
Que a-pesar-de ser sucata
Com dois remendos e um pingo
Ficou novo. E eu seringo
Agora o que m'o vendeu
E que o tinha, como eu,
P'ra passear ao Domingo.

Quer o teu pai me desande,
Ou ralhe a tua mãisinha,
Em te apanhando sôzinha
Vou-te dar um beijo grande
E, Deus, depois, que nos mande
Para tal atrevimento
Um castigo: o casamento...
...Se o beijo fôr com ciência,
Tu há-de ter paciência
P'ra o trocares em miúdos.

Santa Maria — Açores.

Dr. PRETITO.



Memórias dum Neura

Andamos em maré de sorte. Nas
rebuscas que diâriamente fazemos na
tôrre do Tombo e nas bibliotecas do
Trambolhão, temos encontrado entre o
pó e as baratas, verdadeiras preciosida-
des literárias desconhecidas por com-
pleto dos cérebros ávidos e sequiosos
dos bibliófilos lusitanos.

Tôdas as vezes que entramos na
tôrre do Tombo, ficamos convencidos
que temos *queda* para cata-bichinhos,
espolhadores de velhos alfarrábios, cos-
cuvilheiros impenitentes sempre pron-
tos a meterem o nariz no índice dos
livros, para depois virem espalhar cá
para fora o cheiro pestilento e nau-
seante de arcaicas velharias.

O último livro com que topamos
na estante 1023, e que se encontrava
sepultado no meio de caganitas de rato,
intitula-se «Memórias dum Neura».

E' dêle que respigamos os bocadi-
nhos que seguem.

**Pensamentos profundos
de filosofia e não se fia**

— Há quem me chame maluco. Olha
a grande novidade! Queriam, talvez,
que eu fôsse uma excepção?!

— Se vires a mulher perdida não a
trates com desdem. Deita um anúncio
o jornal, que talvez apareça o dono e
ainda te dê alviçaras.

— Quando uma mulher casada se
abandonar nos teus braços, encontras-te
diante do seguinte dilema: Se aceites,
fazes tolice. E se recusas, ela chama-te
tolo!

— Não acredites na Regeneração.
Há muito que se passou a chamar
Praça da República.

— Todos falam em virtudes. São
frescas, as tais Virtudes! Como se nós
não soubessemos que ficam ao pé da
Esperança e do Caminho Novo...

— Os gatunos e outros criminosos
são o ganha-pão dos tribunais. Rou-
bam e matam para sustentarem juizes
e advogados.

— E há juizes que os condenam!
E' ingratidão humana! E há advogados
que os acusam! O' misérias sociais!

— Se puderes morrer sem interven-
ção médica, poupas dinheiro à tua
família e ainda levas saúde para vive-
res no outro mundo.

— As mulheres são tôdas iguais.
Tipo único. E' com a massa delas que
se fazem as sogras. Pensa nisto todos
os dias se quiseses viver feliz.

— A minha mulher... a minha sen-
hora... a minha esposa... Mas tu
tens a certeza que a senhora que é a
tua esposa é também tua mulher?

LEIDOAR.

Posta restante

Dr. Pretito — Vila do Pôrto — Açores. —
Recebemos a engraçada carta e vamos publicar
as glosas se bem que fora de tempo. Mas a
forma admirável de glosar, dá-nos a impressão
que coisas de maior vulto poderão sair da sua
pena. Mande-as e mande sempre:

Rei Louro — Vamos tentar responder à sua
carta.

1.º Os motes para o concurso não são es-
colhidos. De entre muitos que nos enviam são
apartados aqueles que nos parecem mais apro-
priados ao facto. O dos Pilatos, por exemplo
veio de Africa.

2.º Pode enviar o sonetinho. Tendo chiste
é eternamente oportuno.

3.º O pseudónimo que diz, e usado pelo
seu criador.

Sempre às suas ordens.
Amaral — Gaia — Como vê, já cá o temos.
Nunca se perde em falar. Gratíssimos e conten-
tes. Aperte estes ossos e não nos deixe tão cedo.

Ardotos — Tem muitíssima razão. E já há
quem se zangue com isso. Mas que quer? Os
votos não foram dados pela composição, mas
sim pelo original, e êsse não trazia gatos. Des-
culpe e sirva-se.

Jodo da Sé — O nosso amigo pode ter razão
em tudo; mas que não tem é o direito de dizer
que há má vontade para consigo. Nem para com
ninguém. MARIA RITA não sendo uma mulher
de todos, é uma mulher que aceita todos os
galanteios.

Cria nisto, que é a expressão da verdade
sem humorismo algum. Sôbre a sua carta justís-
sima, diremos alguma coisa no próximo número.
Por hoje, ilucidaremos um ponto dela. O Cam-
pos Monteiro-Director, não é o pai nem é dou-
tor. E' o outro, o careca. Até à semana.

PASSEIO ALEGRE

Uma vocação para as letras

Marcos Alado já não era verdadeiramente um nome. Era mais do que isso porque era um pseudónimo adoptado pelo nosso particular amigo Sinfrônio Formozinho, aquele cavalheiro que nunca deixou de andar de polainas e de flor ao peito. E a flor quanto maior melhor: sempre servia para encobrir uma ou outra nodosa das bandas do casaco que estava mais carregada delas do que a alma dum Judas. Quanto às polainas também serviam para encobrir alguma coisa. Por exemplo: a falta dos atacadores.

E tudo isto provinha da extraordinária vocação de Marcos Alado, que em toda a sua vida andara a acalentar um sonho único.

Quería ser jornalista, e por isso arranjara o pseudónimo e tivera a enormíssima vantagem de ser reprovado no exame do quinto ano do liceu.

Também era um bocadinho míope e as lunetas não ficariam mal a um homem cansado de pensar e de escrever.

Por todas estas razões e por uma que é maior que todas porque abandona a razão para ser doidice, o Marcos Alado sonhava com uma banca redactorial. Chegou a modos de não poder entrar na cozinha familiar e caseira. A banca fazia-lhe mal. Dizia a mãe, que era do cheiro a gordura; mas o Marcos Alado atribuía à vocação o mal estar que sentia. Chegou a ser mau português; para ele mesmo uma banca róta, como são quasi todas as dos jornalistas, seria o seu futuro consagrado.

Por isso quando pisou o limiar do dia em que tinha de ganhar alguns vinténs, desatou a colaborar. Primeiro esgotou os parcos conhecimentos de história num jornaleco de Avintes. Pôs o Egas Moniz de barão ao pescoço; o Prior do Crato a mamar em Evora, e o João Pinto Ribeiro vestido de Afonso Costa. Mas isto não lhe deu 10 reis porque a *Corneta de Avintes* com o número 10 deixou o número dos vivos. Depois foi-se embora a geografia, esfalfadíssima no *Semadário das Caldas*, com a futura guerra da China.

E' claro que com isto tudo, e com mais uns acrósticos que a *Lira Divina* lhe publicou e que uma esgotadíssima donzela absorveu, deixou o Marcos Alado na bonita idade de 25 primaveras, sem um vintém na algibeira.

A única coisa em que ganhou uns patacos foi com a morte de um tio rico que lhe pagou 50 escudos pela elaboração de um epitáfio obra prima de cinzeladura: o marmorista levou 10 contos e quinhentos.

Mas a vocação é que não diminuiu. Marcos Alado sentia-a a levantar-lhe o peito, de tal forma que o seu natural acanhado e tímido, o conduziu à primeira redacção de um jornal diário.

Entrou àquela célebre hora que todos nós sabemos, em que os telefones retinem, as campainhas soam, os contínuos suam, e os redactores resonam.

Foi encontrar o director do jornal, absolutamente embebido a contemplar uma rapariga que era o que verdadeiramente se pode chamar um lino-tipo, quer dizer um lindo tipo. Era uma dactilógrafa, e como tal, de cabeça, não possuía senão as dos dedos que eram as únicas que lhe faziam falta!

Introduzido, disse ao que ia. Quería ser jornalista. Tinha vocação, tinha talento, tinha conhecimentos.

Nesta altura o Director interrompeu-o para dizer que se tinha conhecimentos o melhor lugar que lhe convinha era o de angariador de anúncios.

O Marcos Alado sofreu... mas em silêncio, e acabou por julgar de si para consigo que não era ali que o destino o chamava.

E foi-se até à segunda redacção. Já não era precisamente aquela hora febril das notícias que chegam. Mas era uma outra de muito mais responsabilidade, aquela de que depende a cotação dos alfaiates e das cozinheiras: era a hora das provas. Jam e vinham os rapazes das tipografias; traziam as provas, levavam as provas, e os redactores dormiam sem provar nada, nem pestanejar.

E' claro que o director não dormia. Esse estava entretido a ler um outro jornal que não o dêle, e quando viu entrar Marcos Alado, estendeu-lhe a mão, radiante: — gosto imenso do seu nome, sabe? E' feliz, é marcante. Diga-me uma coisa. O senhor sabe inglês? Marcos, teve de declarar envergonhadamente que não sabia, mas que em compensação, sabia o português suficiente para escrever umas noticiuzinhas, descrever um crime hediondo, e fazer a resenha do concurso das costureiras.

Então, Marcos Alado, sentiu que o director o olhava com um desprezo mais soberano que uma libra em antes de cair ao mesmo tempo que lhe dizia:

— E eu que tanto gostava do seu pseudónimo para traduzir os telegramas da Havas. Nada feito, meu amigo. Nada feito: se eu um dia precisar... deixe-me aí a sua direcção.

Foi uma atrapalhação para ele, coitado, que quando saíra de casa tinha sido pôsto na rua, a mais os pobres trastes. Valeu-lhe a felicíssima lembrança da posta restante e lá se foi desanimado a caminho da terceira e quasi última redacção, a pensar no pouco que vale a um homem uma vocação decidida e uns conhecimentos de português que se acastelavam dia a dia, e de tal forma, que a Academia das Ciências o começava a namorar.

Descaradona!

Chegou, entrou e viu que na sala redactorial era a hora do pensamento e da locubração. Cada redactor, estava embebido na leitura dum jornal diferente. A's portas, esperavam os moços da tipografia, impacientes ou sonolentos, — não se via bem.

Marcos Alado, timidamente perguntou pelo sr. Director.

Pois sim, ninguém se moveu.

Tornou a perguntar, e então um dêles a quem de-certo, as perguntas interrompiam a leitura, fêz-lhe um sinal com a cabeça.

Podia não ser; mas o Marcos Alado entendeu que era naquela porta e entrou.

Estava lá dentro um sujeito, baixo, que devia usar óculos com certeza e que ao ouvir o envergonhado — dá licença — do Marcos Alado, ficou furiosíssimo:

— Que deseja? Diga depressa porque o *Times* é dinheiro e o meu jornal não dá nada.

— Eu solicitava de V. Ex.^a o favor de me

incluir no número dos redactores, ou revisores, condutores talvez, do seu esplêndido diário.

— Diz muito bem, sim senhor! — continuou o nosso homem — Mas não dá nada. Gasto um dinheirão em assinaturas, e afinal... E afinal o que é que o sr. sabe fazer?

Marcos Alado, sentiu novamente aquele engulho de garganta que antecede as grandes comoções:

— Sei escrever sem erros de maior idade; conheço dos franceses as invações, as libertinagens e as maneiras de sair; e sou ainda, como quasi toda a gente um bocadinho poeta.

— E isso para que serve no meu caso? interrompeu o homem irado e não facundo.

Marcos Alado via as esperanças morrerem uma a uma. Se dali saísse sem a colocação garantida, restar-lhe-ia a morte, ou o suicídio. E esta lembrança reanimou-o; o olhar faminto foi cravar-se numa enormíssima tesoura que repousava de boca aberta sobre a mesa do Director. Dir-se-ia que tinha sido posta ali pela tentadora Parca. E ficou-se espêcado a olhá-la, perdido de amores por ela, disposto a cortar com ela o fio da sua existência.

O Director que falava a dissuadi-lo do modo de vida que êle queria abraçar notou-o absorto, e seguiu-o o olhar. Calou-se; e no seu rosto apareceu, viveu, aumentou uma centelha de alegria.

E quando Marcos Alado, num gesto que leva à história e ao cemitério mais próximo, agarrou resolutamente na tesoura e a encaminhou direita ao coração com passagem pelas bordas do casaco e do colete, o director foi-se a êle de braços escancarados, puxou-o a si e evitou o tresloucado gesto com estas suavíssimas palavras:

— Está admitido, meu caro amigo. Vejo que tem jeito para a tesoura, e isso é tudo cá no jornalismo.

J. de ARTIMANHA.

Banhos de sol

*Com os tais banhos de sol,
agora, em via de regra
tôda a menina do escol
— de branca passou a negra.*

*De passeio p'ra a banhoca,
sem sombreiro e braço ao léu,
tôdas se dão a empenhoca
de enegrecer como breu.*

*De ordinário vão à praia
e rebolam-se, em descanso,
expostas na areia, à laia
de felino no ripanço...*

*Como em tudo não penetra
e parte coberta encontra,
o sol põe-lhe o corpo, etcetra...
semelhante à pêl de lontra.*

João do MINHO.

Epigrama

que se grama

EM CACIA

*Os do «Eco» berram f'rozés,
E os burros cécios, pasmados,
Ouvem, estando calados,
O éco das próprias vozes!!...*

(Tradução).

PEÇAS E

DETONAR
DE FLORES



UMA FAMÍLIA DESGRAÇADA

PEÇA FAMILIAR EM TRÊS GERAÇÕES

PERSONAGENS $\left\{ \begin{array}{l} \text{O pai da filha} \\ \text{A filha do pai} \\ \text{A mãe do filho} \\ \text{O filho da mãe} \end{array} \right.$

PRIMEIRA GERAÇÃO

A cena decorre na idade quasi média de todos os personagens. Representa também uma hospedaria tósca de provincia. Uma mesa de pinheiro manso. Duas cadeiras condecoradas por mutilações. Uma cama. Percevejos. Pulgas. Uma lata vazia de pós de Keating. Sentada na cama a Filha do Pai soluça.

O PAI DA FILHA (passeando irritado e dolorido):

Não sei. Não t'o posso dizer.
Tua mãe. Oh! Será ela tua mãe?
Se eu o soubesse!... Quem dera!
Mas fala-me antes em verso.

A FILHA DO PAI (chorando sempre e executando):

Sou órfã. Ai a tristeza
D'esta palavra cruel.
Mas o pai é com certeza.

O PAI DA FILHA

Assim reza este papel (mostra uma certidão de óbito em tamanho natural).

A FILHA DO PAI

Quando entrei para o convento
Com um desgosto profundo
E um atroz sofrimento
Tentei deixar este mundo.

O PAI DA FILHA

A-pesar-de ser segrêdo
Teu pobre pai já sabia

A FILHA DO PAI

Mas como meu pai, ai credo!

O PAI DA FILHA

Disse-o o *Ecos de Cacia*.

A FILHA DO PAI (chorando)

Que vis! Que biltres! Que maus!
Triste terra desgraçada
Cheia de grandes maraus!
Nem a morte é respeitada.

(*Numa exaltação*)

Matar-me sim, quem pudera
Sentir no seio a bulir
Um tiro de caçadeira
Ou um punhal por abrir.

O PAI DA FILHA

Amor de pai não é na-la
Contra a ânsia de morrer
O' filha desnaturada
Vês as lágrimas correr?

(*Vai a eta e mostra-lhe as lágrimas*).

A FILHA DO PAI (vendo-as)

Vejo, meu pai. Foi assim
Que dos meus olhos também
Elas correram. Por fim
Secaram. (*mudando de assunto*).
E minha mãe?

O PAI DA FILHA

Foi tratar da sua vida
Ganhar o pão que se come
A's horinhas da comida.

A FILHA DO PAI

Pois eu também tenho fome.

Saiem os dois enlaçados. O velhote levava dois percevejos pendurados nas cãs.

SEGUNDA GERAÇÃO

Um outro quarto da mesma hospedaria. A mesma decoração com as mesmas pulgas e percevejos. Falta só a lata do pó de Keating...

O FILHO DA MÃE (chorando)

Minha mãe, minha mãzinha
Diz ao teu filho adorado
Onde está o pai que eu tinha
Quando ao mundo fui deitado.

A MÃE DO FILHO

O teu pai meu filho amado
Foi um cruel sedutor
Casou comigo enganado.
Foi por amor, muito amor.

O FILHO DA MÃE (num sonho)

Sou órfão que triste sina!
Adeus prazeres, alegrias!
Uma pergunta me mina:
Que é do autor dos meus dias?

A MÃE DO FILHO

Na noite do casamento
Fugiu de mim apressado.
Iniciei meu tormento...
Ponco depois eras nado.
Um ano após perdoou-me
Tudo o que eu havia feito.
Chegou, dormiu, e deixou-me
Com uma filha de peito

O FILHO DA MÃE

O' minha mãe! Uma irmã
Eu não sabia que tinha
Raia de novo a manhã!
Vamos buscá-la mãzinha!

A MÃE DO FILHO

Sei lá onde estará ela
O que fará? Onde mora?
Bonita como uma estrêla
E louçã como uma aurora!

O FILHO DA MÃE

Vamos mãe, cêlere voa
Comigo por esse mundo
Vamos andando à toa
Que o meu prazer é profundo.

A MÃE DO FILHO

Vamos lá...

O FILHO DA MÃE

Ah! Mas espera
Já são horas de jantar...

A MÃE DO FILHO

Quem barriga retempera
Não tem ganas de chorar.

O FILHO DA MÃE (chorando)

P'rá mesa! Vamos p'rá mesa
E depois p'rá caça dela!...
Desta forma com certeza
Se salvará a donzela.

Saem os dois cantando de braço dado. Dirigem-se para a sala de jantar. Momento de grande sensação no auditório.

TERCEIRA GERAÇÃO

Na sala de jantar. Pouco mais ou menos a mesma decoração, com a única diferença dos percevejos e das pulgas. (Entram)

A MÃE DO FILHO E O FILHO DA MÃE
ambos trazem o olhar esgazeado, e os cabelos eriçados. Ao entrarem na sala deparam com a mesa cheia de iguarias e em volta sentados os hóspedes da pensão.
Mas não se passa mais nada porque o

PAI DA FILHA E A FILHA DO PAI
já tinham comido há muito e estavam novamente no seu quarto a recitar a primeira geração.

J. de A.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A engraçada comédia francesa *O deitar da noiva*.

Rivoli: Cinema sonoro, com o filme *Estudante mendigo*.

Águia d'Ouro: A super-farsa *O Rei da Pândega*.

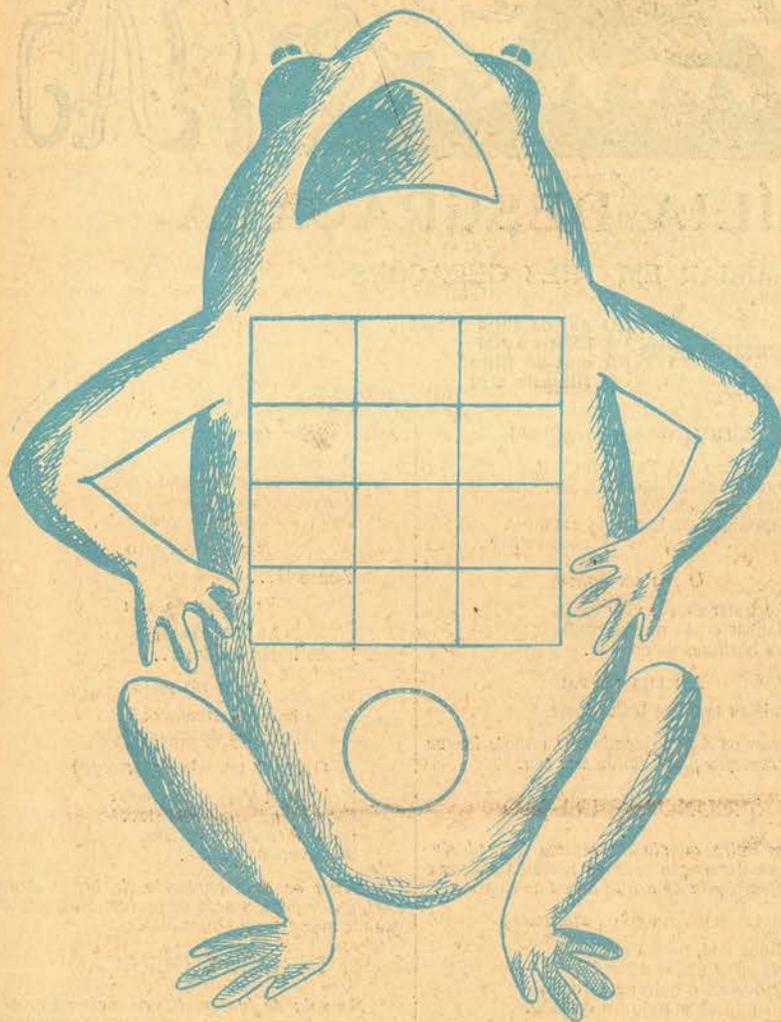
Olympia: O engraçado filme *A culpa é do Bibi!*

Trindade: A super-produção *Pat e Pataton, músicos ambulantes*.

Batalha: Os filmes *Mulher duma noite e Tarzan entre feras*.

Grande concurso de Outubro

JOGO DO SAPO (3.ª PARTIDA)



Cortar por aqui.

GRANDE CONCURSO DE OUTUBRO JOGO DO SAPO

Nome do concorrente..... Senha N.º.....
Morada..... Número de pontos que lhe são atribuídos.....⁽¹⁾

⁽¹⁾ Esta linha será preenchida pela nossa Administração.

Plano geral deste Concurso

Como vêem, o **Jogo do Sapo** é, nem mais nem menos, do que essa gravura com doze casas quadradas, e uma casa redonda, por baixo das outras.

Em seis dessas casas, e conforme um esquema descritivo que ficará guardado num envelope lacrado e exposto na Agência de Publicações, da Praça da Liberdade, estarão marcados os seguintes números:

Em uma casa	—	1:000
> outra	—	500
> >	—	300
> >	—	100
> >	—	70
> >	—	30
		2:000

O que prefaz um total de 2:000 pontos.

O concorrente dispõe de seis patelas, que atirará à sua vontade para as casas em branco, quadradas ou redonda, não podendo em caso algum atirar duas ou mais patelas para a mesma casa.

E' claro que terá que nos remeter o esquema do **Jogo do Sapo**, com as patelas marcadas por um círculo, nas casas que entender, até à quinta feira seguinte.

Para a terceira partida, que é esta, só valerão os sapos de cor azul. Em troca d'ele será entregue ao concorrente uma senha numerada. Aos concorrentes da provincia será igualmente arbitrado um número de entrada.

O Jogo será por partidas semanais, e serão distribuídos os seguintes prémios também semanalmente:

1 prémio de 500 escudos ao concorrente que totalizar 2.000 pontos.

2 prémios de 100 escudos aos concorrentes que totalizarem 1.500 pontos.

30 prémios de 10 escudos representados por livros de igual valor aos concorrentes que totalizarem 1.200 pontos.

Na sexta feira seguinte será aberto o envelope, e a MARIA RITA de sábado trará o esquema da partida com as casas onde estavam as patelas para que os concorrentes da provincia possam estabelecer o respectivo controle.

Igualmente serão dados os nomes dos concorrentes premiados. No caso de serem mais os pre-

miados do que os prémios, far-se há o sorteio entre eles, de uma forma absolutamente honesta e de fácil comprovação.

N. B. — Modificamos, em alguns pontos, as condições deste concurso, por nos parecer demasiado facil. Que nos desculpem os futuros concorrentes e fiquem com a certeza de que assim mesmo, facil se tornará.

O JOGO DO SAPO é

Honesto — porque é feito pela MARIA RITA.
Divertido — porque entretém e experimenta a sorte de cada um.

Simples — porque o **Jogo do Sapo** toda a gente o conhece, e os que o não conhecem, até se envergonham de o dizer.

Lucrativo — porque distribue:

1.000 esc. de prémios semanais

Concorram ao SAPO, que diverte e dá proveito

Visado pela Comissão de Censura